

# POR UMA VARIÁVEL SINTÁTICA: DELIMITAÇÕES TEÓRICAS E APLICADAS À EXPRESSÃO DO PASSADO NO ESPANHOL.

Leandro Silveira de Araujo  
UFU/UNESP-Araraquara  
leandrocbt@msn.com

## 1. Delimitações teóricas da variável sintática.

Desde sua concepção como ciência, a Linguística vivenciou momentos de absoluto fascínio pela regularidade nas relações estritamente linguísticas. Duas grandes perspectivas teóricas descaram-se por apresentar esse comportamento: o *estruturalismo* e o *gerativismo*. Na primeira delas, fomentou-se a criação de uma disciplina que legasse ao segundo plano tudo que fosse exterior à língua – excluindo, entre outros, o âmbito histórico, social e cognitivo da linguagem. O essencial dessa disciplina seria, portanto, estudar os elementos da língua e como eles se relacionam entre si. Por sua vez, algo semelhante se deu também no *gerativismo*, cujos estudos orientaram-se pela observação de um falante ideal em uma comunidade também ideal, o que implicou, portanto, a exclusão daquilo que fosse resultante das interações sociocomunicativas.

Em comum, ambas as abordagens reduziram a linguagem humana a uma abstração linguística estanque, na qual as formas e as relações estabelecidas entre elas são estáveis e imutáveis. Assim, enquanto o *estruturalismo* excluiu a heterogeneidade linguística em detrimento da observação do que é comum no sistema abstrato supostamente coletivo, o *gerativismo* fixou-se na intuição do falante-ouvinte, sem se dar conta de que esses julgamentos são sensíveis somente às variáveis linguísticas já implementadas e que receberam avaliação social aberta. Ou seja, sob essa perspectiva, grande parte das regras linguísticas variáveis é desprezada, uma vez que se situa num nível abaixo de consciência social e, por isso, não são suscetíveis a qualquer tipo de padrão avaliativo (Camacho 2010).

É somente após a segunda metade do século XX que a atenção devida à heterogeneidade linguística volta à tônica dos estudos das línguas naturais. Uma vez formalizada a disciplina Sociolinguística, recupera-se efetivamente o pressuposto de que a língua(gem) está em estreita relação com o homem e sus interações, de modo que deve ser estudada no interior da comunidade em que é falada, já que fatores sociais de ordem extralinguística, também gerenciam seu funcionamento. É esboçando a complexidade extralinguística que envolve o uso da língua que Chambers (2003) afirma:

The social class to which we belong imposes some norms of behavior on us and reinforces them by the strength of the example of the people with whom we associate most closely. The sub-elements of social class include education, occupation and type of housing, all of which play a role in determining the people with whom we will have daily contacts and more permanent relationships. [...] In all of this, of course, there is some latitude and, in relatively free societies, some mobility. (Chambers 2003:07)<sup>1</sup>.

Assim sendo, tal como nos mostra Labov (2008), o conhecimento do(s) comportamento(s) da língua deve partir da observação do modo como ela se insere na sociedade, posto que fatores extralinguísticos – como os asseverados por Chambers (2003) – estão a todo momento determinando seu uso. Sintetizando esse pressuposto, Lavandera (1984) afirma que a grande contribuição da

---

<sup>1</sup><Tradução nossa> “A classe social a que pertencemos impõe-nos algumas normas de comportamento e as reforça graças à força do exemplo das pessoas com que nos associamos com maior proximidade. Os subelementos da classe social incluem educação, ocupação, tipo de residência e desempenham um papel em determinar as pessoas com quem teremos contatos diários e relacionamentos mais permanentes. [...] Em tudo isso, é claro, há alguma latitude, e, em sociedades relativamente livres, alguma mobilidade” (Chambers 2003:07).

*Sociolinguística* foi comprovar que a linguagem é uma manifestação da conduta humana – a qual tenta organizar os indivíduos em grupos sociais. Em suas palavras,

La meta de la descripción sociolingüística va más allá de la descripción de la forma del código (gramática estructural) o del análisis de las intuiciones del hablante nativo y su capacidad para generar un número infinito de oraciones (gramática generativa). Apunta a desarrollar una teoría del lenguaje que define su objeto de estudio como el recurso más rico y más complejo para la comunicación humana, acumulado y manejado por la mente humana para utilizarlo con el propósito de lograr las formas de organización social y cultural que existen en las sociedades humanas. (Lavandera 1984:156)<sup>2</sup>;

Uma vez que a língua, tal qual a sociedade, está em um eterno *fazimento*, eventualmente se poderia pensar em um caos linguístico, isto é, em uma heterogeneidade desordenada. No entanto, a *Sociolinguística* mostra-nos que a língua é “um sistema ordenadamente heterogêneo em que a escolha entre alternativas linguísticas acarreta funções sociais e estilísticas”; trata-se, portanto, de “um sistema que muda acompanhando as mudanças na estrutura social” (Weinreich et al 2006:99). Por isso é possível pensarmos em um modelo de heterogeneidade sistemática e ordenada, na qual uma variável linguística é controlada não só por padrões intrínsecos à língua, mas também por fatores de caráter extralinguístico. Em síntese, dentre as muitas contribuições aportadas pela *Sociolinguística* ao estudo da linguagem, destaca-se a percepção da variabilidade linguística como uma característica inerente à linguagem. Por isso, a variação deve ser contemplada como uma condição do próprio sistema linguístico.

Sobre o processo de construção de novas formas variantes, Labov (2008) acusa a existência de uma grande quantidade de variações que a todo instante surge no uso da língua, mas que se extinguem tão rápido quanto aparecem. Não obstante, o autor explica-nos que algumas dessas variantes são mais recorrentes e, num segundo momento, podem “ser imitadas mais ou menos extensamente, e podem se difundir” (Labov 2008:20). Esse processo de criação e difusão (ou apagamento) das formas variantes parece ser resultante da pressão que sofre todo sistema linguístico por duas forças potencialmente conflitantes, cujas origens se dão em sociedade. Trata-se de uma tendência mais inovadora e uma mais conservadora. Coseriu (1990) chama essas forças de universais linguísticos básicos de *criatividade* e *alteridade*, respectivamente. Enquanto a primeira se responsabilizaria pela variação e a renovação da língua, a segunda se ocuparia da uniformidade no idioma. Assim, na existência das línguas, “a *criatividade* manifesta-se como renovação das tradições e a *alteridade* como constância, firmeza e amplitude das tradições idiomáticas”<sup>3</sup>.

Em suma, é fato que formas linguísticas são criadas a todo instante na língua e, até que essas inovações consigam suplantam – quando é o caso – as forma antigas, verifica-se um estágio no qual tanto a forma inovadora como a antiga coocorrem, isto é, estão em variação. Foi a partir do reconhecimento desse comportamento vívido, criativo e sistemático das línguas que se tornou

---

<sup>2</sup><Tradução nossa> A meta da descrição sociolingüística vai mais além da descrição da forma do código (gramática estrutural) ou da análise das intuções do falante nativo e sua capacidade para gerar um número infinito de orações (gramática gerativa). Aponta para o desenvolvimento de uma teoria da linguagem que define seu objeto de estudo como o recurso mais rico e mais complexo para a comunicação humana, acumulado e usado pela mente humana a fim de alcançar as formas de organização social e cultural que existem nas sociedades modernas. (LAVANDERA 1984:156).

<sup>3</sup> “La creatividad se manifiesta como renovación de las tradiciones y la alteridad, como constancia, firmeza y amplitud de las tradiciones idiomáticas” (Coseriu 1990:55). A partir deste momento, estabeleceremos o padrão de traduzir para o português todas as citações em língua estrangeira menores de três linhas e, por isso, inseridas no corpo do texto. Os originais serão expostos em nota de rodapé. Assumimos a responsabilidade por todas as traduções feitas dentro deste padrão.

possível observar que todos os fenômenos linguísticos são organizados por regras categóricas ou variáveis encaixadas no próprio sistema linguístico. Às regras categóricas correspondem os fenômenos não sujeitos à variação, compondo portanto “um conjunto de regras que não podem ser infringidos, sob pena de dificultar ou mesmo inviabilizar a compreensão dos enunciados” (Monteiro 2002: 58). As regras variáveis, por sua vez, ocupam-se da escolha de uma forma entre duas ou mais coocorrentes. Atendo-nos mais cuidadosamente em como a Sociolinguística tem procedido ao estudo das formas gerenciadas pelas regras variáveis, passemos a observar o conceito de *variável linguística*.

Ao lançar os fundamentos da Sociolinguística Variacionista, William Labov desenvolve o conceito de *variável linguística* tendo em vista fundamentalmente alguns fenômenos fonológicos<sup>4</sup>. Desse modo, para o autor, estaria pressuposta na variação “a opção de dizer ‘a mesma coisa’ de várias maneiras diferentes, isto é, as variantes são idênticas em valor de verdade ou referencial”, opondo-se no que diz respeito ao seu valor social e/ou estilístico (Labov 2008: 313). O mesmo autor, junto a Weinreich e Herzog, já afirmava que as formas coexistentes

Oferecem meios alternativos de dizer “a mesma coisa”: ou seja, para cada enunciado em *A* existe um enunciado correspondente em *B* que oferece a mesma informação referencial (é sinônimo) e não pode ser diferenciado exceto em termos da significação global que marca o uso de *B* em contraste com *A*. (Weinreich et al. 2006:97)

Observemos que, para os autores, a equivalência semântica entre as formas concorrentes é fundamental. É por isso que, até então, se define o conceito de *variável linguística* como um grupo de variantes que compartilham um único referente.

De fato, se nos dedicamos a uma análise fonológica da realização do fonema /λ/<sup>5</sup>, nas muitas variedades diatópicas do espanhol, devemos verificar que se empregam, no mesmo contexto, as variantes [j], [j], [z] e [dz], conforme a variedade observada. Sobre o português, o mesmo se poderia dizer das variantes [λ] e [j], representadas pelo grafema ‘lh’ nos seguintes contextos: *alho*, *telha*, *calha*. Em particular ao português, no entanto, deve-se a que o encaixamento desta variação fonológica não está limitado apenas a fatores de ordem diatópica, mas também diastrático. Contudo, é comum aos dois exemplos a ocorrência em variantes que compartilham um mesmo referente, ou seja, que corroboram a definição de *variável linguística* apregoada inicialmente pela Teoria da Variação e Mudança Linguísticas.

É na década de 70 do século passado que o conceito de *variável linguística* desenvolvido pela recém-instituída Sociolinguística é estendido à análise de fenômenos não-fonológicos, o que gera, conforme comenta Camacho (2010), a primeira grande crise no estatuto metodológico da Teoria Variacionista, isso porque fora do nível fonológico torna-se difícil definir em que grau as variantes de uma variável são, de fato, diferentes modos de dizer a mesma coisa, isso é, são detentoras do mesmo referente. Melhor descrevendo a questão, Sankoff afirma (1982) que

In turning from phonology to syntax, we encounter a major problem: that of equivalence, i.e. how to ascertain which structures or forms maybe considered variants of each other and in which contexts. This was rarely a problem in phonology since invariance of meaning under substitution of allophones is a widely valid criterion, easy to apply, because it depends only on the recognition of two lexical forms as semantically identical or qualitatively different. [...] This is not the

<sup>4</sup> A descrição da centralização dos ditongos /ay/ e /aw/ nas variedades linguísticas de Martha’s Vineyard, a realização e a estratificação do /r/ em Nova York, entre outros, são estudos que fomentam a discussão sobre a noção de variável linguística a partir da observação do âmbito fonológico da língua (Labov 2008).

<sup>5</sup> Representado pelo grafema “ll” nas palavras *llave*, *lleno*, *lluvia*.

case in syntax. The substitution of different forms often leads to very subtle semantic distinctions, and there is frequently cause for debate as to whether or not there is any change [...] (Sankoff 1982: 681-682).<sup>6</sup>

Foi Lavandera (1978) quem deu início às críticas mais severas sobre a tentativa de ampliar aos outros níveis de análise da língua o conceito de *variável linguística* desenvolvido com base nos estudos fonológicos. A impropriedade da aplicação, segundo a autora, deve-se a que, na variação não-fonológica, cada uma das possíveis variantes possui um significado referencial particular. Silva-Corvalán (1989), por seu turno, comenta que, além de fatores semânticos, fatores de ordem sintática e pragmática também parecem condicionar a variação não-fonológica. Por isso, propôs-se a ampliação da ideia de igualdade semântica para a noção de *comparabilidade funcional*, conceptualização mais abrangente que buscaria no uso da língua uma relação entre as formas em aparente variação.

Labov et al. (1983) buscaram avaliar a aplicabilidade do conceito *variável linguística* desenvolvido no âmbito fonológico à análise sintática. Para tanto, partiram da percepção de que algumas construções na voz passiva e na voz ativa poderiam compartilhar um mesmo significado referencial. Avançados os estudos, chegaram à conclusão de que é necessário especificar o contexto sintático no qual dado fenômeno está em variação com outro. Por isso afirmam que somente entre *passivas sem agente* e as *ativas genéricas* seria possível delimitar uma variável sintática, pois manteriam o mesmo significado referencial e o uso de uma ou outra forma estaria determinado por fatores estilísticos.

Segundo Silva-Corvalán (1989), há quatro características que diferenciam a natureza da variação sintática da variação fonológica, a saber:

- (a) Verifica-se menor quantidade de variação sintática que fonológica;
- (b) A variação sintática tende a ser mais difícil de ser estudada e quantificada, já que há pouca frequência de contextos em que ocorre dada variante;
- (c) Os contextos da variação sintática são, no geral, mais difíceis de ser identificados e definidos que os da variável fonológica;
- (d) E, novamente, o estudo da variação sintática torna-se difícil por lidar com possíveis diferenças de sentido associados a cada uma das variantes.

Uma vez que a variação não-fonológica não compartilha as mesmas características presentes na variação fonológica, será importante o desenvolvimento de uma nova maneira de proceder ao estudo da variável sintática. Com esse propósito, Labov (1978) mostra que a primeira atividade que deve realizar o pesquisador é a definição e o isolamento de estruturas linguísticas que apresentam comportamentos semelhantes. Aliado a essa etapa, deve-se também definir os contextos em que essas formas ocorrem.

O segundo passo da pesquisa envolveria a observação de contextos em que as duas ou mais formas analisadas (i) compartilham uma mesma função linguística – e que, portanto, estão em

---

<sup>6</sup> <Tradução nossa> Na mudança da fonologia para a sintaxe, deparamo-nos com um grande problema: o da equivalência, ou seja, como determinar quais estruturas ou formas podem ser consideradas variantes de uma outra e em que contextos. Isso raramente era um problema na fonologia, já que inalterabilidade de significado com a substituição de alofones é um critério amplamente válido, fácil de aplicar, pois depende apenas do reconhecimento de duas formas lexicais como semanticamente idênticas ou qualitativamente diferentes [...]. Este não é o caso da sintaxe. A substituição de diferentes formas, muitas vezes, leva a muitas distinções semânticas sutis, e freqüentemente é motivo de debate se há ou não alguma mudança [...]. (Sankoff 1982: 681-682)

variação – ou (ii) possuem funções particulares – indicando a existência de regras categóricas. Nas palavras do autor, “a definição de uma variável requer uma série de passos preliminares destinados à eliminação de todos os contextos em que duas formas alternantes contrastam, isto é, não dizem a mesma coisa”<sup>7</sup>.

Na mesma direção, Sankoff (1988) sugere que o estudo sistemático da variação não-fonológica também deve ser orientado pela observação do contexto linguístico em que os elementos da língua figuram, isso para que se infiram o significado e a função que os elementos adquirem em dado uso. Para o autor, as particularidade referenciais reservadas a cada uma das formas não-fonológicas podem ser neutralizadas no discurso. Assim, espera-se que o conhecimento do comportamento das estruturas linguísticas e dos contextos de neutralização facultem-nos a delimitação da *variável linguística*. Conforme afirma o autor,

The systematic study of competing forms requires not only the identification of these forms, but also of the individual contexts in which differences between them are neutralized. It is precisely this which constitutes the interpretative component of variationist methodology. The analyst must in effect be able to infer the meaning or function of each token (Sankoff 1988:154)<sup>8</sup>.

Não podemos nos desatentar à importância dada no estudo da variação não-fonológica à abordagem qualitativa dos dados. É por isso que se torna imprescindível um conhecimento linguístico e extralinguístico consistente da variedade analisada. Como nos explica a autora,

In the more usual situation, the linguist has to ‘know’ enough about speech variety and to ‘understand’ enough about what is transpiring in the particular discourse, to be able to infer speakers’ intention. Thus a basically hermeneutic task is combined with more mechanical distributionalist procedures prior to any statistical analysis (Sankoff 1988: 154)<sup>9</sup>.

Nesse mesmo sentido, Silva-Corvalán (1989) alerta-nos sobre o cuidado que deve envolver a análise das informações quantitativas, isso porque a maior ou menor frequência de uma forma linguística pode estar relacionada às diferenças de significados que possuem, fazendo-a mais ou menos compatível com um contexto comunicativo determinado. A fim de evitar interpretações equivocadas de uma abordagem quantitativa, deve-se, previamente, conduzir a análise por um estudo descritivo atento a fim de definir em quais contextos dada forma linguística tem sua função igualada à função de outra – também verificada no contexto delimitado. Somente a partir dos pressupostos suscitados por essa delimitação seria possível proceder quantitativamente ao estudo das variantes e, logo, correlacionar os resultados estatísticos a variáveis extralinguísticas.

Diante do muito que se há discutido e escrito sobre o tema, parece que a noção de realizações equivalentes – e não a de identidade semântica estrita – é a que melhor se ajusta ao conceito de variável sintática. Isso porque mesmo apresentando um comportamento próprio em determinadas situações, alguns elementos da língua tem suas propriedades neutralizadas no discurso e, por isso,

<sup>7</sup> “[...] the definition of the variable requires a series of preliminary steps directed at eliminating all the contexts in which the two alternant forms contrast, i.e. do not say the same thing.” (Labov 1978: 50).

<sup>8</sup> <Tradução nossa> O estudo sistemático de formas concorrentes requer não só a identificação dessas formas, mas também dos contextos individuais em que as diferenças entre elas são neutralizadas. É precisamente isto que constitui o componente interpretativo da metodologia variacionista. O analista deve de fato ser capaz de inferir o significado ou a função de cada ocorrência. (Sankoff 1988:154)

<sup>9</sup> Na situação mais comum o linguísta tem de “saber” o suficiente sobre a variedade falada e “entender” o suficiente sobre o que está acontecendo em dado discurso, isso para ser capaz de inferir a intenção do falante. Assim, uma atividade basicamente hermenêutica é combinada com procedimentos mecânicos distribucionalistas antes de qualquer análise estatística. (Sankoff 1988: 154).

apresentam, em determinados contextos, usos com funções equivalentes. Esses elementos são, portanto, contextualmente alternantes.

Em acréscimo, Serrano (2009: 164) assevera que muito mais do que verificar se são ou não sinônimas, em variação sintática, “o objetivo deve se centrar em examinar as estruturas alternantes, determinar suas características semântico-discursivo-pragmáticas, o contexto de uso e sua função como ferramenta interativa de comunicação”<sup>10</sup>.

De modo mais prático, a segunda parte de nossa discussão estará preocupada em verificar em que medida as reflexões teóricas suscitadas até o momento podem nos auxiliar na compreensão da aparente variação na expressão do passado em espanhol.

## 2. ¿Se me perdió o se me ha perdido? Por uma delimitação da variável linguística.

*Mi unicornio azul ayer se me perdió*

*Pastando lo dejó y desapareció*

[...]

*no se si se me fue, no se si se extravió*

[...]

*Mi unicornio y yo hicimos amistad*

[...]

*Mi unicornio azul, se me ha perdido ayer, se fue. (SOSA 2004)*

A canção de Silvio Rodriguez, que ressoou por todo mundo na voz de Mercedes Sosa (2004), expõe o pranto de um alguém que perde o único e precioso bem que possui: um unicórnio – símbolo da esperança. Num choro inconsolável, esse alguém narra a relação que tinha com o animal, a forma de seu desaparecimento e sua disposição para pagar qualquer preço para tê-lo de volta. Curiosa e pertinente aos objetivos de nosso trabalho, no entanto, é a construção de toda narrativa com o uso da forma do *pretérito perfecto simple* (*perdió, fue, extravió, hicimos*) para fazer referência a situações passadas. Não obstante, saltam aos olhos mais atentos duas ocorrências da forma *ha desaparecido*, no *pretérito perfecto compuesto*, também fazendo menção a uma ação passada. Parece evidente que todos os fatos descritos ocorrem num mesmo âmbito temporal passado: *ayer*. Tal semelhança faz-nos pensar na hipótese de se tratarem de formas em variação, compondo, portanto, uma variável linguística na expressão do passado absoluto.

A fim de melhor entendermos e, assim, afirmarmos ou negarmos essa e outras variações aparentes no uso das formas do *pretérito perfecto*, passemos ao estudo das formas simples (PPS) e composta (PPC). Para tanto, partiremos da descrição feita pela *norma-padrão*, segundo a qual a cada umas das formas corresponde um uso próprio e categórico, que as diferencia fundamentalmente pela concepção temporal que possuem. Assim, por um lado, encontramos a forma do pretérito perfecto simple (*perdió*) expressando canonicamente o sentido de *passado absoluto*:

1 “Si bien arrancamos [a las] nueve... perdón, [a las] doce y veinte” <ROS; Gr3<sup>11</sup> - Masculino; 24 anos, Ator, Rosario/Argentina>.

Segundo Bello et al (1954), este valor significa a anterioridade do atributo ao ato de fala; em outras palavras, trata-se da expressão de um fato anterior à origem (Rojo 1974), que é o próprio momento de enunciação. No entanto, uma rápida observação do sistema espanhol nos mostra que há outros valores temporais que, de algum modo, também expressam uma anterioridade ao ato de

<sup>10</sup> “El objetivo debe centrarse en examinar las estructuras alternantes, determinar sus características semántico-discursivo-pragmáticas, el contexto de uso y su función como herramienta interactiva de comunicación” (Serrano 2009: 164).

<sup>11</sup> Os fragmentos apresentados para esclarecer a discussão realizada foram retirados de um corpus compilado por enunciados de entrevistas radiofônicas das regiões dialetais da Argentina (Araujo 2012b)

fala<sup>12</sup>. A fim de melhor definirmos os traços do *passado absoluto*, atentemo-nos ao esboço da expressão da temporalidade verbal no espanhol, proposto por Rojo (1974 1990):

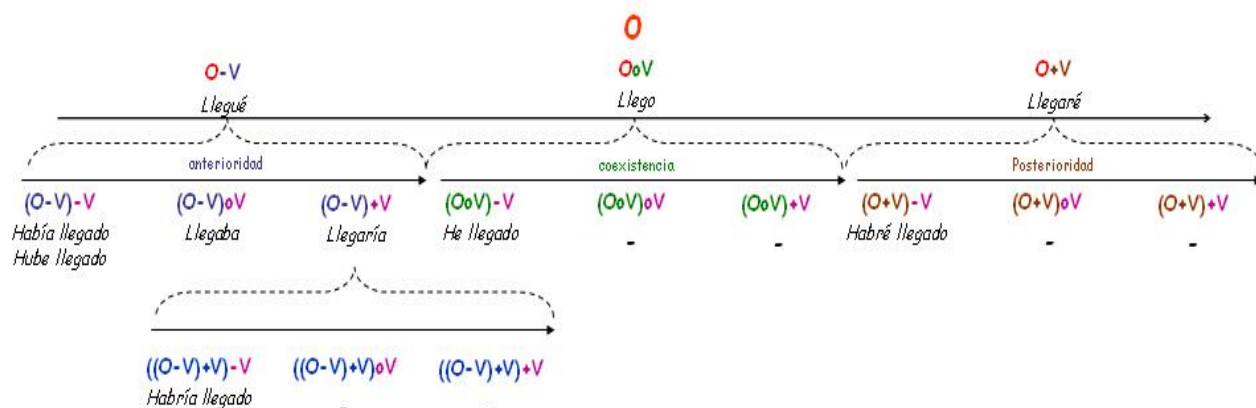


Figura 1. Da expressão da temporalidade verbal no espanhol segundo Rojo (1974 1990).

Observemos que, na notação do autor, representa-se a forma *llegué* por **O-V**<sup>13</sup>. Dado que nos indica que a relação de anterioridade ao momento de enunciação (**O**) é construída a partir de uma relação direta com **O** – daí decorre o caráter absoluto<sup>14</sup> que possui o *pretérito perfecto simple* (PPS) quando expressando o valor *passado absoluto* (Rojo et al. 1999). Ainda analisando o comportamento dessa forma verbal, porém já com vistas à observação da forma composta, Cartagena (1999) explica-nos que o PPS, da mesma maneira que as demais formas de valor temporal *absoluto*, delinea, a partir do ponto zero, um *segmento temporal primário*. Assim,

“[...] el presente marca la coexistencia [ámbito primario de coexistencia], el paralelismo del hablar con un punto del tiempo real, respecto del cual las formas de pretérito perfecto simple y de futuro indican anterioridad [ámbito primario de retrospectividad] y posterioridad [ámbito primario de prospectividad], respectivamente”<sup>15</sup> (Cartagena 1999:2937).

Notemos que a atribuição do sentido de *passado absoluto* ao PPS deve-se a que esta forma verbal assume como referência a envoltura temporal que abarca aquilo que já não faz parte do presente, mas que pertence ao *âmbito primário de retrospectividade*. De modo mais prático, a observação dos enunciados que seguem deve nos mostrar eventos envolvidos por esta concepção temporal:

2 “[...] *ayer hablé* con los periodistas [...]” <COR; Gr1 – Masculino; 50 anos; Repórter; Córdoba/Argentina>.

<sup>12</sup> Como veremos mais adiante, esse é o caso, por exemplo, do próprio PPC.

<sup>13</sup> “**O**” significa “*ponto zero*” ou “*ponto central*”, isto é, o momento que serve como referência para a estruturação de todo o sistema temporal da língua. Segundo Benveniste (2006), este seria o momento de enunciação. “**V**”, por sua vez, significa “*vetor*” isto é, o momento do próprio evento, o qual, por seu turno, se estrutura, em relação ao ponto zero (**O**), como *anterior* (–), *concomitante* (o) ou *posterior* (+).

<sup>14</sup> Rojo et al. (1999) chamam de *absolutas* as relações temporais que se estruturam em relação direta com o *ponto zero/central*, ou seja, o *passado absoluto* (**O-V**), o *presente* (**OoV**) e o *futuro* (**O+V**). Por sua vez, nomeiam *relativos* os valores temporais que não estabelecem relação direta com o *ponto zero*, mas com uma referência secundária – que, por sua vez, traçará relação com o *ponto central*. Esse é o caso, como veremos, do *pretérito perfecto compuesto*, quando expressando o valor de *antepresente* (**(OoV)-V**).

<sup>15</sup> <Tradução nossa> “[...] o presente marca a coexistência [âmbito primário de coexistência], o paralelismo do falar com um ponto do tempo real, em relação ao qual as formas do *pretérito perfecto simples* e de *futuro* indicam anterioridade [âmbito primário de retrospectividade] e posterioridade [âmbito primário de prospectividade], respectivamente” (Cartagena 1999:2937).

- 3 “El año pasado *estuve* haciendo la consigna de Arnold [...]” <BSAS; Gr 4 – Masculino; 70 anos; ator; Buenos Aires/Argentina>.

É pertinente comentarmos o papel dos marcadores temporais em ressaltar o sentido aportado pela forma verbal. Isso porque ao dizer “ayer” ou “el año pasado”, indica-se a abrangência do *âmbito primário de retrospectividade* referido. Em outras palavras, ao usar estes marcadores destaca-se que a situação descrita já não faz parte do *âmbito de coexistência* – “hoje” e “neste ano”, respectivamente. É nesse sentido que Alarcos Llorach (1972: 25) aponta o uso do PPS “com os advérbios que indicam que a ação produz-se num período de tempo no qual não está incluído o momento presente da fala”. Esta breve descrição do valor de *passado absoluto* tende a adquirir maior clareza a partir do estudo do *pretérito perfecto compuesto* – forma a que se associa canonicamente o valor de *antepresente*:

- 4 [...] *este año se han tirado* trescientos millones de litros de agroquímicos en esta sola campaña. <COR, Gr 02 – Masculino, 42 anos, Apicultor, Córdoba/Argentina>.

Nesse sentido, Cartagena (1999) mostra-nos que as formas compostas por *haber* + *participípio* apresentam um comportamento semelhante às formas simples *absolutas*, pois criam fragmentos temporais *secundários* de perspectiva retrospectiva em cada um dos âmbitos primários instaurados pelas formas simples. Ou seja, as estruturas compostas não guardam relação direta com o momento de enunciação, mas com as referências instauradas pelas formas simples. Assim, “[...] *he hecho, hube hecho, habré hecho* indicam anterioridade [...] em relação ao ponto central de cada âmbito temporal gerado pelas formas simples, apareçam, ou não, expressamente aludidas nos textos”<sup>16</sup>.

Diante dessa síntese de funcionamento do sistema verbal da língua espanhola, conseguimos averiguar como se instaura o *antepresente* na forma do *Pretérito Perfecto Compuesto*: um valor *relativo* de anterioridade (em um âmbito secundário) ao *presente*, que lhe serve de referência dentro do âmbito primário. Reparemos que tanto o evento descrito quanto a referência no *presente* estão contidas no *âmbito primário de coexistência* ao momento de fala.

Esse sentido fica melhor apreciado por meio da reprodução da figura 2, na qual se expõe parte das formas verbais do indicativo (Cartagena 1999:2938). Em destaque, o *pretérito perfecto compuesto* representa a expressão de uma anterioridade (no âmbito secundário), que está contida no *âmbito primário de coexistência* (APco)<sup>17</sup>.

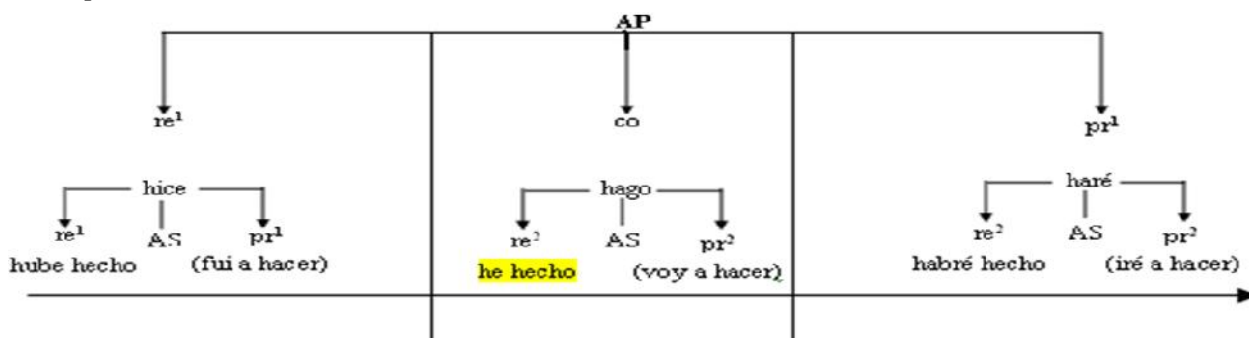


Figura 2. Da temporalidade nas formas verbais do indicativo (Cartagena 1999:2938).

Deste modo, diferentemente da forma do PPS (*hice*), canonicamente responsável pela expressão de situações *pretéritas* envolvidas por um *âmbito primário de anterioridade*, com o

<sup>16</sup> “[...] He hecho, hube hecho, habré hecho indican [...] anterioridad, pero en relación con el punto central de cada ámbito temporal generado por las formas simples, aparezca este o no expresamente aludido en los textos”. (Cartagena 1999:2939).

<sup>17</sup> Na figura 2, AP quer dizer Âmbito Primário; AS, Âmbito Secundário e RE, CO e PR, respectivamente, REtrospectividade, COexistência e Prospectividade.



*perfecto compuesto (he hecho)*, apresenta-se canonicamente um evento passado envolvido por uma percepção de *presente (âmbito primário de coexistência)* e que, por isso, guarda uma relação temporal de coexistência com o momento da fala (*antepresente*). Diante dessa descrição, Cartagena (1999) resume o uso do PPC com este valor afirmando que sua função é “indicar que uma ação se realiza antes de um ponto zero que nos serve de referência para medir o tempo, mas dentro do âmbito que tem como centro a coexistência ou a simultaneidade de tal ponto com o momento de fala”<sup>18</sup>.

A fim de melhor entender o valor de *antepresente*, muitos autores valem-se da observação de elementos linguísticos recorrentes no contexto de uso da forma composta. Assim, apontam o uso do PPC de *antepresente* “com os advérbios que indicam que a ação se deu em um período de tempo no qual se encontra compreendido o momento presente do que fala ou escreve”; tal seria o caso de *hoje, agora, estes dias, esta manhã, este mês, o ano em curso, atualmente, na minha vida, durante o presente século*, etc (Alarcos Llorach 1972: 24).

Observemos que com qualquer uma dessas expressões conseguimos envolver em um mesmo âmbito temporal (de coexistência) tanto a situação descrita como o momento de fala. Ou seja, ao dizermos:

(5) a. *Ha ganado hoy* el auto de su sueño.

(5) b. *Ha ganado este año* el auto de su sueño.

consideramos que tanto o acontecimento *ganar el auto* (‘ganhar’) como o *momento da fala* estão contidos na mesma envoltura temporal: “*hoy*” (hoje) ou “*este año*” (este ano), respectivamente. Em complemento, a *Nueva gramática de la lengua española* (RAE 2009, 1722 e 1723) explica que o valor de *antepresente* coincide temporalmente, entre outros, com:

a. O demonstrativo *este*: “*En este siglo la ciencia ha experimentado grandes avances*”. Em oposição ao demonstrativo *aquel*, que indicaria um âmbito primário de anterioridade e, por isso, associado ao uso do PPS: “*En aquel siglo la ciencia experimentó grandes avances*”.

b. O Adjetivo *actual*: “*En su actual situación laboral, ha sufrido no pocos sinsabores*”. Em oposição ao adjetivo *anterior*, que indicaria um âmbito primário de anterioridade e, por isso, associado ao uso do *pretérito simple*.

c. O Adjetivo *presente*: “*La vicetiple ha tenido días mejores en la presente temporada*”.

Alarcos Llorach (1972) explica-nos também que, mesmo em enunciados de sentido *antepresente* sem uso de marcadores temporais, pode-se observar implicitamente a consciência do falante de que os eventos têm como limite o presente gramatical. Nestes casos, infere-se o especificador: *neste período de tempo em que falamos*.

A síntese da descrição gramatical do PPS e do PPC nos indica regras categóricas no uso de cada uma das formas, isso porque, conforme nos explicam esses materiais, a cada uma das formas se associa um valor próprio: *passado absoluto* e *antepresente*, respectivamente. Em outras palavras, se a situação pretérita ocorre em uma concepção temporal que já não é a mesma do ato de fala, observa-se a expressão do valor de *passado absoluto (V-O)* – PPS. Por sua vez, se a situação passada é *relativa* e envolta pela mesma concepção temporal que abarca o momento de enunciação, tem-se a expressão do *antepresente ((VoO)-V)* – PPC.

No entanto, devido à pequena nuance de significado que diferencia ambos os valores, parece ser provável que as formas que canonicamente foram descritas como portadoras dos respectivos sentidos se entrecruzem e passem a expressar o sentido da outra. Além disso, é necessário tomar

<sup>18</sup> [...] indicar que una acción se realiza antes del punto cero que nos sirve de referencia para medir el tiempo, pero dentro del ámbito que tiene como centro la coexistencia o simultaneidad del dicho punto con el momento del habla (Cartagena 1999:2941).

consciência da existência de mais valores associados ao PPC e ao PPS<sup>19</sup>. De fato, a observação empírica da expressão desses valores tem acusado um estado bastante heterogêneo do uso das formas compostas e simples do *pretérito perfecto* sob as mais diversas perspectivas de análise da variação (diacrônica, diafásica, diastrática, diatópica).

Atendo-nos fundamentalmente ao caráter dialetal da variação existente entre o uso do *perfecto simple* e o *perfecto compuesto* quando detentores dos respectivos sentidos e nos dirigindo à observação, a princípio, dos estudos sobre as variedades peninsulares, verificamos em manuais “consagrados” sobre a língua espanhola a tendência em opor *Galicia* e *Asturias* às demais comunidades autônomas da Espanha. Segundo essa norma tradicional, se observaria o predomínio da forma simples nas regiões citadas e o predomínio da forma composta nas demais. Cartagena (1999), por seu turno, assume uma postura extremamente generalizadora ao afirmar ser possível observar a oposição PPS/PPC, na mesma proporção, ao longo de toda a Península. Em comum, tais abordagens procedem ao estudo das formas do *pretérito perfecto* desconsiderando os diferentes valores que poderiam se associar às formas e, por isso, cometem o erro de proceder ao estudo da variação sem considerar, primeiro, os sentidos e contextos comuns de uso.

Há ainda outros trabalhos que adotam a abordagem generalizadora para o território peninsular (Gutiérrez Araus 2001; Moreno de Alba 2000; Company Company 2002; Howe et al. 2003). No entanto, contrariando os anteriores, aportam algumas informações relevantes no que diz respeito aos valores atribuídos ao *pretérito perfecto*. Assim, os três primeiros pesquisadores observam o valor de *antepresente* no uso peninsular da forma composta. Seguindo a mesma tendência, Howe et al. (2003) observam o crescente uso do *pretérito perfecto compuesto* abarcando, inclusive, valores temporais que outrora cabia ao *perfecto simple* expressar (*passado absoluto*). Daqui se poderia pressupor, portanto, a aparente existência de uma regra variável para a expressão do *passado absoluto*, na qual tanto o PPC e o PPS seriam formas possíveis.

Entre os mais atentos à variação dialetal dentro da península e evitando conclusões generalizadoras de uso, figuram os trabalhos de Kany (1969) e Hurtado González (1998), por exemplo. O primeiro deles aponta a possibilidade de encontrarmos o PPC expressando o valor de *antepresente* em *Navarra*, *Aragón* e parte de *Castilla la Vieja*, ao passo que na *Galicia*, notar-se-ia mais correntemente o uso do PPS expressando este sentido – isto é, tanto o PPS como o PPC seriam variantes da expressão do valor de *antepresente* na variedade galega. Finalmente, o autor também observou em *Madrid* o uso da forma composta expressando *passado absoluto*, mostrando-nos, por isso, que a norma da capital espanhola preveria uma regra variável para a expressão do *passado absoluto*.

A fim de esboçarmos mais um exemplo, cruzamos o atlântico e, procurando evitar o risco de nos perdermos em generalizações, decidimos por observar a realização o uso do PPC e do PPS na Argentina. Assim, observamos que os trabalhos de maior repercussão sobre as formas do *pretérito perfecto* na Argentina desenvolveram-se tendo em vista, fundamentalmente, às variedades *bonaerense* e *noroeste*. Conforme os interesses desses estudos, percebemos dois tipos de abordagens: (a) uma preocupada exclusivamente com a norma linguística de alguma(s) das regiões argentinas e (b) outra interessada em descrever a manifestação das formas do *pretérito perfecto* na América e que, para tanto, apresenta brevemente a situação dos pretéritos na Argentina.

Atentando-nos inicialmente a essa última abordagem, observamos que trabalhos como os de Gili Gaya (1970), RAE (1986), Oliveira (2007) afirmam a existência de um uso comum para todo o país – no qual predominaria a forma do PPS. Não obstante, a conclusão tida pelos autores sobre o

---

<sup>19</sup> A título de exemplo, o estudo dos valores atribuídos ao PPC nas variedades dialetais da Argentina (Araujo 2012a) mostrou a existência de pelo menos sete valores associados à forma composta: antepresente, passado imediato, resultado, experiencial, persistência, passado absoluto e antepretérito.

comportamento do *pretérito perfecto* parece decorrer da generalização do uso observado na norma bonaerense. Por outro lado, uma segunda postura, que opõe o comportamento do *pretérito perfecto* na região *norte* ao comportamento na região *bonaerense*, pode ser observada em trabalhos desenvolvidos por Kany (1969), Gutiérrez Araus (2001), Alarcos Llorach (2005) e Jara (2009), dentre os quais retiramos, a título de exemplo, a seguinte asseveração que nos exemplifica as particularidades no uso do PPS e do PPC nas duas regiões argentinas:

[...] el panorama de uso de las formas *canté/he cantado* en este gran país es variado y aparecen dos zonas claramente diferenciadas al respecto: por un lado el norte del país: Tucumán, Salta, etc. y por otra parte, Buenos Aires y el Litoral (Gutiérrez Araus 2001, s/n)<sup>20</sup>.

Soma-se a esta proposta de bipartição, a observação do maior índice de ocorrência do PPS sobre o PPC na área do *Río de la Plata* e um crescente uso do PPC quando nos dirigimos ao noroeste do país. Pertinente destacarmos é que muitas dessas afirmações são feitas sem a exposição dos valores atribuídos às formas, de modo a dificultar a exata definição da(s) variável(is). De encontro a essas posturas, Gutiérrez Araus (2001), baseando-se no estudo de Kubarth (1992), faz-nos saber que, apesar da significativa diminuição do uso do PPC em Buenos Aires, ainda trata-se de uma forma viva dentro desta zona. Não obstante, há de se observar que ela já

[...] no funciona como forma de anterioridad inmediata a la enunciación o antepresente, como tampoco se emplea en momentos culminantes o emotivos de la narración o enfatizador, sin embargo sí se emplea como forma resultativa con relevancia del presente (Gutiérrez Araus 2001, s/n)<sup>21</sup>.

Notemos que, nessa variedade, o valor *antepresente* já não parece ser o principal valor atribuído à forma composta, mas sim o valor *resultativo*, que, conforme acusam alguns estudos sobre aspecto verbal, pode estar relacionado ao aspecto *perfeito*, que estaria associado à forma composta (Comrie 1993; Cartagena 1999; Company Company 2002; García Fernández 2008)<sup>22</sup>. Frente a essa informação, alertamos para o risco de não se realizar uma prévia abordagem qualitativa na análise das ocorrências do PPC e do PPS, isso porque os casos próprios do PPC, em que figura o valor resultativo, podem ser considerados equivocadamente formas equivalentes ao PPS.

Sobre a região noroeste do país, por outro lado, a RAE (2009) destaca a maior incidência do PPC, expressando inclusive o valor temporal de *passado absoluto* – indício de que na região vigoraria uma regra variável na expressão desta concepção temporal. Observando mais atentamente o comportamento da forma composta nas regiões dialetais da Argentina (Araujo 2012a)<sup>23</sup>, verificamos que o uso com o valor de *antepresente* corresponde a 25% (19 casos) da quantidade total de casos do PPC encontrados no *corpus* da região noroeste, ao passo que no *corpus* da região bonaerense não foi encontrado nenhum caso em que se marcava a expressão deste valor. Em relação ao *passado absoluto*, contrariando o comportamento tido como canônico, foi possível observar a

<sup>20</sup><Tradução nossa> “[...] o panorama de uso das formas *canté/he cantado* neste grande país é variado e aparecem duas zonas claramente diferenciadas em relação ao assunto: por um lado, o norte do país: Tucumán, Salta, etc. e, por outra parte, Buenos Aires e o Litoral” (GUTIÉRREZ ARAUS 2001, s/n).

<sup>21</sup><Tradução nossa> [...] não funciona como forma de anterioridade imediata à enunciação ou antepresente, como também não se emprega em momentos culminantes ou emotivos da narração ou com valor enfatizador, no entanto, sim, se emprega como forma resultativa com relevância do presente (GUTIÉRREZ ARAUS 2001, s/n).

<sup>22</sup> Segundo estes autores, o aspecto perfeito volta-se à observação do momento que está imediatamente posterior ao tempo da situação descrita, mostrando-nos, por isso, seus resultados.

<sup>23</sup> No estudo realizado, foram aferidos junto ao PPC os valores de *antepresente*, *passado recente*, *resultativo*, *experencial*, *persistência*, *passado absoluto* e *antepretérito*.

relevância de seu uso para ambos os *corpora* (15% dos casos na região bonaerense e 25% dos casos na região noroeste).

Por não estar inserido nos objetivos do trabalho recém-comentado (Araujo 2012a), como tampouco em outros estudos verificados, não se sabe precisamente quais valores são atribuídos à forma do PPS frente ao comportamento do PPC nas variedades argentinas analisadas.

Respeitando as limitações e generalizações dos estudos apresentados, somos induzidos a pensar que, conforme a variedade diatópica analisada, as formas do *pretérito perfecto* podem funcionar como variantes na expressão de um dos valores de passado que discutimos. Isso é assim porque a maior parte desses estudos está limitada à análise de questões temporais, muitas vezes, sequer explicitadas. Da mesma maneira, se nos limitamos ao âmbito da temporalidade, é possível observar em algumas variedades dialetais da Argentina a neutralização das particularidades das formas do *pretérito perfecto*, de modo que encontramos, na variedade patagônica, por exemplo, ambas as formas verbais expressando o valor de *antepresente* – canonicamente associado ao PPC.

6 *Hoy se han escuchado* algunas voces de los representantes de las asociaciones de taxista que bueno han dejado; [desviaron] su postura. <CMR, 18, Gr 4 – Masculino; 42 anos; repórter; Comodoro Rivadavia/Argentina>

7 El hicha de Huracán *posó* por esta mañana de hoy <CMR, GR 1 – Masculino; 42 anos; Locutor; Comodoro Rivadavia/Argentina>

É de se esperar que o estudo dos fatores extralinguísticos ofereça uma resposta que justifique a variação no uso das formas que aparentemente expressam um mesmo valor temporal – ações ocorridas no antepresente (*hoy*). Da mesma maneira, a observação do valor de *passado absoluto* nos enunciados abaixo mostra-nos que, no que cabe à temporalidade, as formas também são coocorrentes, na variedade central, já que igualmente retratam eventos ocorridos no passado absoluto (*ayer*)

8 *ayer hablé* con los periodistas <COR, GR 1 – Masculino, 50 anos, Locutor; Córdoba/Argentina>

9 *Ayer ha habido* algo diferente en la escena política argentina. <COR, Gr 4 – Masculino, 67 anos, Locutor; Córdoba/Argentina >

Não obstante, antes de qualquer afirmação que assegure as aparentes variações mencionadas, devemos refletir sobre uma nova postura investigativa do *pretérito perfecto*. Orientados por essa nova perspectiva, passa-se a inserir no quadro de análise questões de ordem aspectual e, desse modo, possibilita-se descrever o uso do *pretérito perfecto compuesto* expressando valores não previstos pela abordagem tradicional – como vimos, calcada fundamentalmente em questões exclusivamente temporais. Graças à nova abordagem, é possível proceder melhor ao estudo do uso de ambas as formas, delimitando situações em que, de fato, elas compõem regra(s) variável(is) e situações em que operam de forma categórica.

A fim de nos valermos da contribuição aportada pelo estudo aspectual, voltamo-nos à letra da canção que nos serviu de mote e, assim, questionamo-nos se de fato verificamos nela uma variável linguística na expressão do *passado absoluto*. Se pressupusermos que sim e que um único falante seria responsável por sua enunciação, devemos então nos questionar sobre a razão que motivaria a seleção de uma forma do *pretérito perfecto* em detrimento da outra uma única vez. a) Seria o caso de hipercorreção<sup>24</sup>? Hipótese pouco provável, já que se trata de um registro literário, altamente monitorado e pensado a fim de produzir um efeito consciente. b) Seria, então, um caso de variação estilística? Caso queiramos responder positivamente, teremos que justificar a causa da

<sup>24</sup> Conforme nos explica Labov (2008), as hipercorreções resultam de “pressões sociais vindas de cima, que representam o processo explícito de correção social aplicado a formas linguísticas individuais”. O autor dedica especial atenção ao comportamento linguístico da classe média, o que, conforme o nível de monitoramento, apresenta uma sensibilidade que conduz o falante a um ato hipercorretivo de seu discurso.

alternância das formas dentro de um mesmo enunciado, sob influências dos mesmos fatores extralinguísticos, sem que haja alteração do significado aportado por uma ou outra forma.

Por nossa parte, seguiremos por uma terceira hipótese, a de que essas formas nem sempre constituem uma variável linguística. Para melhor explicá-la, no entanto, é importante recorrermos ao estudo do aspecto verbal. Segundo Comrie (1993), Cartagena (1999) e García Fernández (2008), em enunciados em que figura o PPS observa-se a marcação do aspecto *perfectivo*, o que implica a contemplação completa da situação descrita, isso porque a “perfectividade indica o ponto de vista de uma situação como um todo único, sem distinção das várias fases que compõem essa situação<sup>25</sup>”. Desse modo, ao se dizer

10 Mi unicornio azul ayer se me *perdió* (SOSA 2004),

observamos uma ação (*perder*) que teve seu início, desenvolvimento e conclusão já terminados e não oferece nenhuma informação para além do âmbito em que ocorre.

Por sua vez, os mesmos autores observam em enunciados em que figuram formas do PPC a possibilidade de se marcar o aspecto *perfecto*. Em consequência, enunciados desse tipo possibilitam marcar a relevância presente da situação passada descrita (PPC). Isso é assim porque neste valor aspectual, o foco volta-se ao momento que está imediatamente posterior ao término da situação, mostrando-nos, por isso, seus resultados. É consciente deste valor que Comrie (1993) afirma que o **perfeito** “não nos diz nada diretamente sobre a situação em si, mas relaciona alguns estados a uma situação precedente<sup>26</sup>”.

Desse modo, ao se dizer:

11 Mi unicornio azul, se me *ha perdido* ayer. (SOSA 2004)

busca-se salientar que ainda no presente se sofre com a perda do animal. Curiosamente, essa tentativa de enfatizar a dor que sofre o eu-lírico com a perda é também salientado com o uso do pronome *me* (*se me perdió/ se me ha perdido*) com função de dativo ético. Função que, segundo Berlinck (1996:147), é limitada à primeira e segunda pessoas e expressa por um clítico. Ainda segundo a autora, seu uso “ocorre em sentenças marcadas emocionalmente e ajuda a enaltecer a intensidade do envolvimento emocional do falante (ou ouvinte) em relação ao que está sendo dito”.

Atentemo-nos, portanto, às escolhas linguísticas (*pretérito perfecto compuesto, pronomes clíticos*) feitas pelo enunciador com a finalidade de tecer um texto em que o pranto decorrente de uma perda transpire por cada palavra enunciada. Não obstante, um leitor mais receoso poderia dizer que se trata de um uso muito particular da forma composta, restrito ao registro literário ou a situações solenes. No entanto, a observação da modalidade oral das variedades dialetais argentinas, em situação mais espontânea (entrevistas radiofônicas), também acusa o uso do PPC e do PPS em condições aparentemente não categóricas.

A título de exemplo, vejamos como ambas as formas coocorrem no mesmo âmbito temporal apresentado pelo enunciado:

12 Sí, sí, la verdad que hay mucha expectativa, es decir, con alegría **hemos jugado** ya dos partidos del [superseis] que se **realizó** allí en en nueve de Julio, en Río Tercero, y un amistoso eh... unos días atrás en en... en Oncativo [...]. <COR, Gr 03 – Masculino; 33 anos; Locutor; Córdoba/Argentina>.

13 Si bien le **costó** [a Vélez Sarsfield] y mucho ganarle a Argentino Junior. Pero también, junto con River, **ha ganado** sus tres partidos y de esta manera es uno de los punteros que tiene el campeonato apertura de primera división. <MDZ, Gr1 – Masculino; 42 anos; Locutor; Mendoza/Argentina>.

<sup>25</sup> “[...] perfectivity indicates the view of a situation as a single whole, without distinction of the various separate phases that make up that situation.” (Comrie 1993:16).

<sup>26</sup> “The perfect [...] tells us nothing directly about the situation in itself but rather relates some states to a preceding situation.” (Comrie 1993:52).

14 [...] yo prácticamente me **he criado** este... en en el Teatro Avenida, este... luego **dirigí** espectáculo de café con sed y de niños [...] <BSAS, Gr 04 – Masculino; 70 anos; Ator; Buenos Aires/Argentina>.

15 [...] ustedes saben cuando yo me **hice** cargo del PAMI, hace aproximadamente un año y medio, un año y medio **hice** efectivamente, yo **he recibido** el padrón de seis mil afiliados y a la fecha tenemos un padrón de ciento treinta mil afiliados. <TUC, Gr 05 – Masculino; 51 anos; Médico; San Miguel de Tucumán/Argentina>.

Semelhante à canção introdutória, esses enunciados possibilitam-nos refletir sobre fatores que acarretariam a alternância entre as formas do *pretérito perfecto*. Seriam fatores de ordem extralingüística que definiriam a escolha de uma ou outra variante, sem que, para isso, houvesse mudança de significado? Mas como definir quais são esses fatores, já que se trata de um único enunciador produzindo um enunciado sob as mesmas condições extralingüísticas? Por outro lado, podemos encontrar na marcação aspectual o fator diferenciador da função e, logo, do uso das duas formas verbais.

Direcionando nossa atenção ao enunciado (12) e aplicando-lhe as duas hipóteses de análise, observaremos, primeiramente, que tanto a forma composta (“*hemos jugado*”) como a simples (“*realizó*”) parece ocorrer numa mesma concepção temporal, isso é, ambas descrevem uma situação que ocorreu em um âmbito temporal anterior (“*unos días atrás*”) ao âmbito temporal que envolve a enunciação. De modo mais objetivo, tanto o PPS como o PPC possuem o valor de *passado absoluto* (O-V), constituindo, portanto, uma variável na expressão do tempo em questão.

Não obstante, uma abordagem que considere a contribuição aspectual para a compreensão do enunciado perceberá facilmente que não se trata de formas variantes, mas sim de formas que possuem usos categóricos. Isso é assim porque o aspecto *perfecto*, presente em “*hemos jugado*”, diferencia a forma composta da simples (“*realizó*”). Mais especificamente, com o uso da forma composta marca-se a relevância presente de uma ação pretérita (*jugar*), criando, no momento de enunciação do fragmento (12), uma atmosfera de “*mucha expectativa*”. Por outro lado, a forma simples “*realizó*” pouco contribui para essa realidade descrita no momento da fala. Isso porque o aspecto *perfectivo*, presente no PPS, fixa-se na observação do momento final do evento pretérito (*realizar*), despreocupando-se em apresentar a relação direta que essa situação guarda com o ato de fala.

Algo semelhante se poderia dizer do enunciado (13), no qual, por meio da forma composta *ha ganado*, enfatiza-se que a já ocorrida vitória do time Velez Sarsfield nos três jogos do campeonato argentino de futebol mostra-se relevante no momento presente em que se encontra o enunciador – quem, por isso, diferencia-o dos demais clubes por ser o líder (*puntero*) no campeonato. Na mesma direção, o uso do PPC no enunciado (14) (*he criado*) auxilia na ênfase dada à familiaridade do enunciador com o Teatro Avenida, o que lhe resulta na direção de alguns espetáculos.

Finalmente, no enunciado (15), observamos tanto a forma *hice* como *he recibido* fazendo referência a eventos ocorridos num contexto temporal de *passado absoluto*. Se por uma abordagem restrita ao estudo da concepção temporal teríamos uma regra variável para a expressão do *passado absoluto*, conduzidos pelo estudo aspectual, diferenciaríamos o PPC do PPS, porque enquanto este deixa limitados os eventos (*hice*) à concepção temporal passada, aquele possibilita relacionar ação passada (*he recibido*) com o momento presente da enunciação, no qual se verifica o crescimento numérico de afiliados. Logo, parece que o enunciador recorre ao uso da forma composta para ressaltar a relevância do trabalho que começou a desenvolver quando assumiu o cargo. A figura 3 ilustra como a relevância presente pode se dar também no uso do PPC com valor de *passado*

*absoluto*, isso porque o *tempo de foco* (lente) atem-se às consequências da situação passada no momento de fala (MF),



Figura 03. Do valor de *passado absoluto* com relevância presente.

Para concluirmos, não pretendemos afirmar, por meio desse trabalho, a inexistência de ocorrências em que se verifica variação no uso do *pretérito perfecto simple* e do *pretérito perfecto compuesto*. De fato, as abordagens mais atentas à pertinência do traço aspectual mostram que em algumas variedades peninsulares, por exemplo, o traço aspectual não parece diferenciar as formas e, por isso, observa-se o PPC e o PPS como variantes na expressão dos valores de *antepresente* e/ou *passado absoluto*. Nossa intenção é, portanto, chamar atenção ao risco de incluir num mesmo conjunto de variantes casos em que não se verifica variação. Acreditamos que informações contextuais e o valor que possui cada forma devem ser avaliados cuidadosamente antes da definição das variáveis linguísticas. Isso porque, a nosso ver, um estudo que procure comprovar a existência de variação entre essas formas deverá ocorrer somente entre as situações de uso que expressam o mesmo valor, isto é, em que tenham as particularidades neutralizadas no discurso (Sankoff 1988). Por fim, destacamos ainda a atenção que se deve ter com a diversidade espacial, haja vista que todos os estudos apontados indicam que a variável diatópica é relevante para a correta compreensão do fenômeno.

### Referências Bibliográficas

- ALARCOS LLORACH, Emilio. 1972. Perfecto simple y compuesto, en Emilio Alarcos Llorach, *Estudios de gramática funcional del español*, Madrid, Gredos: 13-49.
- ALARCOS LLORACH, Emilio. 2005. *Gramática de la lengua española*, Madrid, Espasa.
- ARAUJO, Leandro Silveira. 2012a. *Os valores atribuídos ao pretérito perfecto compuesto nas regiões dialetais argentinas*. 2012. 212 f. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista ‘Júlio de Mesquita Filho’, Araraquara.
- ARAUJO, Leandro Silveira. 2012b. A elaboração de um corpus dialetal da língua espanhola falada na Argentina: contribuições dos gêneros discursivos e da análise textual automática, *Estudos Linguísticos*, São Paulo, 1: 246-261. Disponível em: < [http://gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/41/el.2012\\_v1\\_t19.pdf](http://gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/41/el.2012_v1_t19.pdf)>. Acessado em 11 de julho de 2013.
- BELLO, Andrés e Rufino José Cuervo. 1954. *Gramática de la lengua castellana*, 4 ed, Buenos Aires, ESA.

- BENVENISTE, Émile. 2006. *Problemas de lingüística geral*, Vol. 2, Campinas, Pontes.
- BERLINCK, Rosane de Andrade. 1996. The Portuguese dative. In: W Van Belle; W Van Langendonck. (Org.). *The dative. descriptive Studies*, Vol. 1, Amsterdam, John Benjamins: 119-151.
- CAMACHO, Roberto Gomes. 2010. Uma reflexão crítica sobre a teoria sociolinguística, *DELTA*, São Paulo, 26: 141-162. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-44502010000100006&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502010000100006&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 14 Mar. 2012.
- CARTAGENA, Nelson. 1999. Los tiempos compuestos, en Ignacio Bosque y Violeta Demonte (directores), *Gramática descriptiva de la lengua española*, Vol. 2, Real Academia Española, Madrid, Espasa: 2933-2975.
- CHAMBERS, Jack. 2003. Correlations. In Jack Chambers, *Sociolinguistic theory: linguistic variation and its social significance*, Oxford, Blackwell Publishers: 1-33.
- COMPANY COMPANY, Concepción. 2002. Gramaticalización y dialectología comparada. Una Isoglosa sintáctico-semántica del español, *Dicenda, Cuadernos de filología hispánica*, Madrid, 20: 39-71. Disponível em: <[http://dialnet.unirioja.es/servlet/listaarticulos?tipo\\_busqueda=EJEMPLAR&revista\\_busqueda=417&clave\\_busqueda=60535](http://dialnet.unirioja.es/servlet/listaarticulos?tipo_busqueda=EJEMPLAR&revista_busqueda=417&clave_busqueda=60535)>. Acessado em 28 out. 2011.
- COMRIE, Bernard. 1993. *Aspect*, Cambridge, Cambridge University Press.
- COSERIU, Eugenio. 1990. El español de américa y la unidad del idioma. En SIMPOSIO DE FILOLOGÍA IBEROAMERICANA, 1, Sevilla. *Separata del I Simposio de filología iberoamericana*. Sevilla: Universidad de Sevilla: 43-75.
- GARCÍA FERNÁNDEZ, Luis. 2008. *El aspecto gramatical en la conjugación*, 2 ed, Madrid, Arco Libros.
- GILI GAYA, Samuel. 1970. *Curso superior de sintaxis española*, 9 ed, Barcelona, Biblograf.
- GUTIÉRREZ ARAUS, María Luz. 2001. Caracterización de las funciones del pretérito perfecto en el español de América. En CONGRESO INTERNACIONAL DE LA LENGUA ESPAÑOLA, 2º, Valladolid. *Paneles y ponencias del II Congreso Internacional de la Lengua Española*. Madrid: Centro Virtual Cervantes. Disponível em: <[http://congresosdelalengua.es/valladolid/ponencias/unidad\\_diversidad\\_del\\_espanol/2\\_el\\_espanol\\_de\\_america/gutierrez\\_m.htm](http://congresosdelalengua.es/valladolid/ponencias/unidad_diversidad_del_espanol/2_el_espanol_de_america/gutierrez_m.htm)>. Acesso em: 23 nov. 2008.
- HOWE, Chad e Scott A Schwenter. 2003. Present Perfect for Preterite across Spanish Dialects, *Penn working papers in linguistics*, Pennsylvania, 9.2: 61-75.
- HURTADO GONZÁLEZ, Silvia. 1998. El perfecto simple y el perfecto compuesto en el español actual: estado de la cuestión, *EPOS*, n.15: 51-67.
- JARA, Margarita. 2009. El pretérito perfecto simple y el pretérito perfecto compuesto en las variedades del español peninsular y americano, *Signo y Seña*, Buenos Aires, 20: 255-281.
- KANY, Charles Emil. 1969 *Sintaxis hispanoamericana*, Madrid, Gredos.
- KUBARTH, Hugo. 1992. El uso del pretérito simple y compuesto en el español hablado en Buenos Aires, *Scripta Philologica in Honorem Juan M. Lope Blanch*, Ciudad de México, 2: 553-566.
- LABOV, William. 1978. Where does the linguistic variable stop? A response to Beatriz Lavandera. *Working Papers in Sociolinguistics*, Austin, 44: 1-22.
- LABOV, William. 2008. *Padrões Sociolinguísticos*, São Paulo, Parábola.
- LABOV, Willian e Judith Weiner. 1983. Constraints on the agentless passive, *Journal of Linguistic*. Cambridge, 19: 29-58.



- LAVANDERA, Beatriz. R. 1978. Where does the sociolinguistic variable stop?, *Language in Society*, Cambridge, 7: 171-182.
- LAVANDERA, Beatriz. 1984. *Variación y significado*, Buenos Aires, Hachette.
- MONTEIRO, José Lemos 2002. *Para comprender Labov*, Petrópolis, Vozes.
- MORENO DE ALBA, José Guadalupe. 2000. *El español en América*, Ciudad de México, FCE.
- OLIVEIRA, Leandra Cristina. 2007. *As duas formas do pretérito perfeito em espanhol: análise de corpus*. 2007. 130 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- RAE. 1986. *Esbozo de una nueva gramática de la lengua española*, Madrid, Espasa.
- RAE. 2009. *Nueva gramática de la lengua española*, Vol. 1 Madrid, Espasa.
- ROJO, Guillermo. 1974. La temporalidad verbal en español, *Verba: Anuário Gallego de Filología*, Santiago de Compostela, 1: 69-149.
- ROJO, Guillermo. 1990. Relaciones entre temporalidad y aspecto en el verbo español, en Ignacio Bosque (director), *Tiempo y aspecto en español*, Madrid, Cátedra: 17-43.
- ROJO, G.; VEIGA, A. 1999. El tiempo verbal: los tiempos simples, en Ignacio Bosque y Violeta Demonte (directores), *Gramática descriptiva de la lengua española*, Vol. 2, Real Academia Española, Madrid, Espasa: 2867-2934.
- SANKOFF, David. 1982. Sociolinguistic method and linguistic theory. In , J.J. Cohen *et al.* (eds.) *Logic, Methodology and Philosophy of Science*, Amsterdam, North-Holland: 677-689.
- SANKOFF, David. 1988. Sociolinguistic and syntactic variation, In Frederick J Newmeyer, *Linguistics: The Cambridge survey*, Cambridge, Cambridge University: 140-161.
- SERRANO, María. José. 2009. Cronología del estudio de la variación sintáctica en español: pasado y presente. *Revista de Filología*, La Laguna, 27: 155-170.
- SILVA-CORVALÁN, Carmen. 1989. *Sociolingüística: teoría y análisis*, Madrid, Alhambra.
- SOSA, Mercedes. Mi unicornio azul. Silvio Rodríguez [Compositor], In Mercedes Sosa, *Mercedes Sosa: 30 años*, S.I., Universal, 2004.
- WEINREICH, Uriel, William Labov e Marvin I. Herzog, M. 2006. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*, São Paulo, Parábola.